

OS INTELECTUAIS E O PROCESSO EDUCATIVO A PARTIR DO PENSAMENTO DE ANTÔNIO GRAMSCI

Para compreendermos o pensamento as categorias desenvolvidas por Gramsci, ao longo de seus escritos, faz-se necessário situar seu pensamento a partir de uma concepção geral de mundo, de sociedade e de homem. Cabe, portanto ressaltar que este pensador italiano, desde muito jovem se engajou na luta contra a opressão provocada pelo sistema capitalista na Itália e no mundo, utilizando-se da literatura marxista. Não tardou também a entrar para o PSI (Partido Socialista Italiano) e, posteriormente, junto com outros militantes, criar o PCI (Partido Comunista da Itália)¹. Defendia que, para mudar a sociedade, era necessário uma organização partidária que dirigisse o proletariado para a tomada revolucionária do poder, única forma de garantir a todos a emancipação humana. Portanto, certamente não há como negar que Gramsci fora um defensor da sociedade comunista e doou sua vida na luta pela construção desta sociedade e pela destruição do capitalismo². Feitas estas considerações entendemos então, que é central no pensamento gramsciano, a questão do partido e sua ação na sociedade. Contudo, o partido para ele, deveria ser o educador das massas, um intelectual coletivo composto por intelectuais orgânicos ao proletariado. Neste artigo pretendemos apresentar o conceito de intelectual em Gramsci e a relação dos intelectuais com a educação através da organização partidária.

Gramsci desenvolve seu conceito de intelectual durante o período em que ficou preso (1926-1937), sendo este um dos conceitos centrais para a

¹Gramsci se liga organicamente ao Partido Socialista Italiano (PSI) em 1913 e se manteve nele até 1921. A crise no PSI começou a partir de 1917, após a Revolução russa e se intensificou com as greves em Turim em 1919 e 1920. Mesmo depois da tomada do poder pelos bolcheviques na Rússia, o PSI manteve-se ainda presos à linha teórico-política da II Internacional, considerando ainda prematuro a possibilidade de uma revolução socialista na Itália. “O socialismo italiano da época de Gramsci era vítima do ‘esperismo’(...)” (SECCO, 2006, p.24). Por este motivo, em 1919 Gramsci, juntamente com outros militantes do PSI, dentre eles Tasca, Togliatti e Terracini, criam a revista *L’Ordine Nuovo (A Nova ordem)*. Os textos publicados nesta revista, especialmente os de Gramsci, buscavam demonstrar e convencer os militantes da necessidade da revolução já naquele momento.

² Não é nossa intenção apresentar uma biografia de Gramsci, não por esta ser irrelevante, ao contrário, pensamos ser de extrema importância, haja vista que sua história se confunde com a história do próprio PCI. Contudo, nosso intuito, neste trabalho, é o de compreender teoricamente a concepção de partido de Gramsci e, por isso, nos deteremos à seus escritos e não à sua biografia. Para uma boa compreensão dos aspectos biográficos deste pensador indicamos a leitura de FIORI, Giuseppe. *A vida de Antonio Gramsci*. Tradução de Sergio Lamarão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

compreensão de sua teoria de educação e de partido. Na visão de Gramsci, “todo homem é intelectual”, portanto ele não compartilha da visão elitista de que intelectual é somente aquele que tem um grau de instrução superior, adquirido em escolas institucionalizadas e reconhecidas pelo Estado. Por outro lado, também não compartilha da visão “folclórica” ou mitológica da sociedade, tampouco é um desprezador do conhecimento científico. O que Gramsci quer demonstrar com essa sua afirmação é a impossibilidade de qualquer ser humano realizar qualquer atividade sem um mínimo de intelectualidade.

Por isso seria possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais (assim, o fato de que alguém possa, em determinado momento, fritar dois ovos ou costurar um rasgão no paletó não significa que todos sejam cozinheiros ou alfaiates) (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 18).

A partir desta perspectiva é que Gramsci irá desenvolver seu estudo sobre a questão dos intelectuais. No caderno 12³, *denominado Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais*, é onde encontramos melhor explicitado por Gramsci essa questão. Nesse texto, Gramsci chama a atenção para a necessidade de distinguir as diversas categorias de intelectuais, apontando as duas principais delas: a dos intelectuais tradicionais e a dos intelectuais orgânicos. Em seguida busca compreender a relação entre o partido político e esses dois grupos de intelectuais e a função da escola institucional.

No início do caderno 13 podemos notar a preocupação de Gramsci com a distinção entre esses dois grupos de intelectuais, quando lança a seguinte questão: “Os intelectuais são um grupo autônomo e independente, ou cada grupo social tem sua própria categoria de intelectuais?” (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 15). A partir dessa questão é que se desenvolverá toda sua reflexão, na tentativa de desvelar a relevância dos intelectuais na organização da sociedade e, para tanto (embora reconheça a existência de outros), divide os intelectuais em dois grupos

³ Durante o tempo em que esteve na prisão Gramsci escreveu suas reflexões em vários cadernos que posteriormente foram organizados e publicados. No total são 33 cadernos manuscritos por Gramsci tratando de variados temas, tais como cultura, educação, partido, ciência, política, arte, etc.

que, a seu ver, são os que realmente permitem a construção da hegemonia na sociedade à qual estão ligados.

O primeiro grupo de intelectuais comentado por Gramsci é aquele cuja finalidade explícita é a de garantir a organização e o bom funcionamento do modelo social vigente. No caso da sociedade capitalista, para a qual Gramsci apontou sua reflexão, afirmou que,

Se não todos os empresários, pelo menos uma elite deles deve possuir a capacidade de organizar a sociedade em geral, em todo o seu complexo organismo de serviços, até o organismo estatal, tendo em vista a necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe; ou, pelo menos, deve possuir a capacidade de escolher os “prepostos” (empregados especializados) a quem confiar esta atividade organizativa das relações gerais exteriores à empresa (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 15-16).

A esse grupo de intelectuais, pertencente à classe dominante, ou formado por ela de acordo com sua concepção, é que Gramsci chamou de intelectuais orgânicos, pois estão diretamente ligados tanto ao modelo de produção capitalista com a finalidade de reproduzi-lo, quanto ao modelo de organização política, que possibilita a reprodução econômica do capitalismo.

Neste ponto surge uma indagação: – Seria apenas a classe dominante (no caso do capitalismo, a burguesia) que produz seus intelectuais orgânicos? – Ou seria também possível, ou até necessário, o proletariado também produzir seus intelectuais orgânicos? Apesar de não encontrarmos nesse texto de Gramsci uma resposta direta para essa questão, é possível compreender, nas entrelinhas, uma resposta afirmativa para essa questão, ou seja, que o proletariado não só pode como deve formar seus intelectuais orgânicos. Analisemos o seguinte trecho escrito por Gramsci:

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 15).

Assim, se levarmos em consideração que a classe burguesa produziu seus intelectuais já na crise do feudalismo, desde o século XVI com o renascimento, intensificando-se no século XVIII com o iluminismo, sem necessariamente estar de posse do poder político ou do econômico em sua totalidade, é possível inferir daí que o proletariado, mesmo no âmbito da dominação do capitalismo, também pode produzir seus intelectuais orgânicos.

Outra questão que se coloca, então, em decorrência desta, é: – Como o proletariado poderá produzir seus intelectuais? Para esta questão, porém, a resposta de Gramsci é mais direta, apontando os militantes de um partido como intelectuais que educam, dirigem e organizam os trabalhadores. Vejamos:

Que todos os membros de um partido político devam ser considerados como intelectuais é uma afirmação que pode se prestar à ironia e à caricatura; contudo, se refletirmos bem, nada é mais exato. Será necessário fazer uma distinção de graus; um partido poderá ter uma maior ou menor composição do grau mais alto ou do mais baixo, mas não é isto que importa: importa a função, que é diretiva e organizativa, isto é, educativa, intelectual (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 25).

A afirmação de Gramsci, considerando que todos os membros de um partido são intelectuais orgânicos a sua classe, serve não apenas para os partidos da classe dominante, mas também para os partidos proletários, diferenciando-se apenas na classe à que estão ligados. Daí decorre que um partido revolucionário, que almeje levar a cabo um projeto de transformação revolucionária da sociedade, não pode se descuidar da educação de seus membros, proporcionando a eles inclusive a possibilidade e a capacidade intelectual de criticar o próprio partido, construindo-se dialeticamente

Segundo Maximo, “Gramsci incorpora a função do intelectual no partido, ou melhor, ele quase funde as duas atividades [do partido e do intelectual]” (MAXIMO, 2000, p. 7), contudo sem que uma se sobreponha à outra, isto é, “[...] tanto o partido quanto os intelectuais, agindo maciçamente, são os grandes educadores, formadores dessa vontade coletiva” (MAXIMO, 2000, p. 7).

Os intelectuais orgânicos, portanto, são um grupo mais fácil de conhecer e de compreender seu papel dentro da sociedade, haja vista que desempenham um

papel explícito de hegemonia ou de contra-hegemonia, bastando observar a que classe eles servem para compreender a serviço de qual modelo de sociedade cada um está. Diante disso, a ênfase maior é dada por Gramsci ao estudo do grupo dos intelectuais tradicionais, pois, para ele, “[...] a formação dos intelectuais tradicionais é a mais interessante” (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 25).

Esta afirmação de Gramsci tem sua sustentação no estudo que ele faz sobre a história dos intelectuais no contexto mundial, desde o antigo Império Romano até a Europa, a América, a África, a Rússia e a América Latina, ou seja, “[...] traça um original ‘mapa-mundi’ das características nacionais dos intelectuais” (NOSELLA, 2004, p. 160). A preocupação de Gramsci em ter um entendimento profundo sobre os intelectuais tradicionais pode ser explicada a partir da disputa que ocorre entre os grupos econômicos para cooptarem tais intelectuais. Segundo Nosella, “[...] os grupos econômicos que pretendem dirigir o Estado disputam a adesão dos intelectuais tradicionais [...]” (NOSELLA, 2004, p. 163).

Gramsci procura responder à seguinte questão: – O que caracteriza um intelectual tradicional ou o que o diferencia do intelectual orgânico? Segundo ele,

Todo grupo social “essencial”, contudo, emergindo da história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura, encontrou – pelo menos na história que se desenrolou até nossos dias – categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não foi interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 16).

A característica principal do grupo dos intelectuais tradicionais, conforme nos afirma Gramsci, é seu posicionamento enquanto representante de um modelo de sociedade que já ruiu. Como exemplo Gramsci cita o clero, que, durante a Idade Média, foi o grupo intelectual dominante daquela sociedade, cujo modo de produção era feudal e, com o fim do feudalismo e a ascensão do capitalismo, permaneceu representando, ideologicamente, os valores e o tipo de conhecimento daquele período (Cf. GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 16-17).

Além dessa característica dos intelectuais tradicionais e em decorrência

desta, estes também se apresentam como “neutros”, livres de qualquer influência política, econômica ou social.

Dado que estas várias categorias de intelectuais tradicionais sentem-se com ‘espírito de grupo’, sua ininterrupta continuidade histórica e sua ‘qualificação’, eles se põem a si mesmos como autônomos e independentes do grupo social dominante (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 17).

Para eles, seu único compromisso é com o conhecimento, com a ciência, com “a verdade”. É isto que torna esse grupo de intelectuais um objeto de disputa, ou seja, uma vez que não se consideram vinculados a nenhuma das classes da nova sociedade, podem contribuir tanto com uma quanto com outro, ajudando a manter a dominação ou contribuindo para o fim da dominação da classe que está no poder. Isto, contudo, apesar desta aparente autonomia com relação às lutas de classes existentes no interior da sociedade, não ocorre de fato. Para Gramsci, isto não passa de uma “utopia social”, assim “como toda filosofia idealista” (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 17).

Para esclarecer esta questão, Gramsci parte da própria realidade italiana que, devido ao desenvolvimento desigual entre o sul e o norte, produz intelectuais orgânicos em uma região e tradicionais na outra. Por isso afirma que

O ponto central da questão continua a ser a distinção entre intelectuais como categoria orgânica de cada grupo social fundamental e intelectual como categoria tradicional, distinção da qual decorre toda uma série de problemas e de possíveis pesquisas históricas (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 23).

Ocorre que, mesmo chamando a atenção para a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a distinção entre estes dois grupos de intelectuais, Gramsci não deixa de apontar algumas questões, do âmbito nacional italiano, que contribuem para a compreensão do tema.

Para ele, o sul da Itália (rural) produzia intelectuais tradicionais, enquanto que o norte (urbano), intelectuais orgânicos. “Os intelectuais do tipo urbano cresceram junto com a indústria e são ligados a suas vicissitudes” (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 22) e, por isso, são educados de acordo com o desenvolvimento

da sociedade industrial, para trabalhar pelo bom funcionamento dessa sociedade. “Na média geral, os intelectuais urbanos são bastante estandardizados; os altos intelectuais urbanos confundem-se cada vez mais com o Estado-maior industrial propriamente dito” (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 22).

Os intelectuais tradicionais geralmente estão “[...] ligados à massa social do campo e pequeno-burguesa, de cidades (notadamente dos centros menores), ainda não elaborada e posta em movimento pelo sistema capitalista” (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 22-23). Esses intelectuais (advogados, tabeliães, padres, etc.) são os responsáveis pela camuflagem da luta de classes na medida em que se transformam em agentes intermediários entre o Estado e a massa camponesa. Ao se colocarem nesta posição, confundem a consciência do camponês pobre que, ao mesmo tempo em que os admira, tanto que é quase uma regra geral entre aqueles camponeses quererem e acreditarem que “[...] pelo menos um de seus filhos pode se tornar intelectual (sobretudo padre), [...] elevando o nível social da família e facilitando sua vida econômica [...]” (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 23), também, “finge às vezes desprezá-lo”. Em síntese, o sentimento do camponês do sul da Itália pelo intelectual tradicional é uma mistura “de inveja e de raiva apaixonada” (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 23).

O que percebemos, a partir das definições sobre os dois grupos de intelectuais feitas acima, é que: 1) o grupo dos intelectuais orgânicos é explicitamente ligado a uma determinada classe, responsável por pensar e por desenvolver o tipo de sociedade que seja viável para a existência dessa classe; 2) os intelectuais tradicionais passam a imagem de serem desvinculados de qualquer classe, formando, assim, uma classe independente, tendo como objetivo pensar livremente, sem qualquer influência de classes. Daí podemos inferir que a questão dos intelectuais orgânicos é mais fácil de resolver que a dos intelectuais tradicionais, haja vista que aqueles são assumidamente classistas, enquanto estes, ao negarem seu vínculo de classe, podem ser tanto legitimadores de uma ordem social já posta, quanto transgressores de tal ordem social. Por isso caberia então “aos partidos conquistar esses intelectuais” (NOSELLA, 2004, p. 164).

Pensar nos intelectuais, seja orgânico ou tradicional, a partir da

conceituação de Gramsci só é possível, portanto, vinculando essa questão a sua teoria de partido como agente educativo, pois se a preocupação de Gramsci é a revolução no Ocidente (e, para isto, é preciso formar a classe que dirigirá a nova sociedade), tal formação deverá ser dirigida pelo partido e não pelos intelectuais.

Não são os intelectuais *enquanto tais* que permitem a uma classe subalterna tornar-se dirigente e dominante, hegemônica. E sim o Príncipe moderno, o partido político de vanguarda como lugar a partir do qual convém repensar a função intelectual, as relações entre a pesquisa e a política, sua tensão recíproca (BUCI-GLUCKMANN, 1980, p. 50).

É o partido que possibilita a formação da consciência de classe, aprofundando a formação intelectual de seus quadros e, até mesmo atraindo, também, alguns intelectuais tradicionais. Tais intelectuais tradicionais, mesmo não sendo militantes do partido, desempenham um papel essencial para o partido no espaço em que atuam. Neste sentido é que Gramsci vê a relação entre esses dois grupos de intelectuais e o partido, afirmando, então, que

Uma das características mais marcantes de todo o grupo que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista “ideológica” dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão for capaz de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 19).

Nesta afirmação notamos, claramente, o papel central do partido enquanto escola de quadros e de formação de intelectuais que debatem com outros intelectuais, já produzidos pela própria sociedade vigente (a sociedade capitalista), com vistas, até mesmo, a atraí-los, pelo convencimento, para as fileiras do partido. Pergunta-se, então: – Como e onde atuar para conquistar esses intelectuais?

Se a formação dos intelectuais orgânicos se dá nos espaços educativos do partido político, fora da escola formal, institucionalizada, o mesmo não ocorre com os intelectuais tradicionais. Estes, necessariamente sempre precisaram e continuam a precisar da instituição escolar para sua formação. Diante disso é que a preocupação com a educação, presente em Gramsci, embora esteja diretamente

ligada ao partido político, se estenderá obrigatoriamente também para a escola formal, além de outros espaços educativos da sociedade, tais como imprensa, sindicato, igrejas, associações, etc.

Na afirmação de Gramsci, acima citada, vimos que a intensidade da conquista dos intelectuais tradicionais pelo partido está diretamente relacionada com a capacidade de o partido formar seus intelectuais orgânicos. A partir disto podemos, então, afirmar que os intelectuais orgânicos do partido têm dois papéis centrais: pensar e atuar na construção de seu projeto social e, simultaneamente, buscar a adesão dos intelectuais tradicionais a este projeto.

Direcionando nossa reflexão especificamente para o partido revolucionário do proletariado, no contexto da sociedade “ocidental”, onde há uma forte organização da sociedade civil garantindo a hegemonia da burguesia, vejamos como Gramsci entende a atuação deste partido na sociedade civil. Como vimos, primeiramente cabe ressaltar que o próprio partido é considerado intelectual, o intelectual coletivo, sendo assim, o partido educa seus intelectuais orgânicos, ao mesmo tempo em que é educado por eles.

Para melhor esclarecer esta dialética relação educativa entre intelectuais e o partido que quer assumir o poder, é preciso levar em consideração que o partido, como já falamos, ao mesmo tempo em que é uma organização formal, não pode também deixar de ser o representante da classe como um todo, isto é, ser um partido de massa. Por isso, os intelectuais orgânicos do partido são os que diretamente devem fazer a articulação entre este e a massa proletária, haja vista que “Gramsci não está preocupado, sobremaneira, apenas com o indivíduo intelectual. Sua intenção é envolver o conjunto da “intelligenza” como estratégia a favor da classe que busca emancipar-se (MAXIMO, 2000, p. 91).

Para cumprir tal tarefa, o intelectual orgânico deve então ser um militante do partido e, ao mesmo tempo, também um militante nos espaços que atingem as massas que não estão organicamente ligadas ao partido.

Exemplificando, as atividades do intelectual na academia, no controle de uma editora, na direção de um jornal, na organização de círculos de cultura, na produção de conhecimento científico, no

partido político, etc., também podem se colocar como estratégia de poder (MAXIMO, 2000, p. 91).

Isso não quer dizer que será a partir desses espaços que se irá chegar ao poder, mas que esses são espaços em que o partido deve atuar, através de seus intelectuais, para formar mais intelectuais que possam colocar seu conhecimento a serviço do partido revolucionário.

Em Gramsci, o vínculo intelectual-massa é um imperativo como estratégia de poder rumo a uma sociedade socialista. A elevação do nível cultural das massas, o rompimento com as concepções de mundo “bizarras” – deformadas, acríticas, incoerentes – e a difusão, para as grandes massas, de uma concepção de mundo calcada na filosofia da práxis são, também, as condições de sustentação de uma nova ordem socialista (MAXIMO, 2000, p.106).

Para Gramsci, é fundamental a formação de intelectuais e a organização da cultura. Nesse sentido, retomamos, então, a questão da vinculação entre intelectuais orgânicos e tradicionais. Como afirmamos antes, os intelectuais tradicionais necessitam da escola formal para se tornarem intelectuais, haja vista que não participam efetivamente de nenhum partido político que possa lhes proporcionar tal formação. Diante disso é que, na sociedade capitalista, onde o Estado burguês é o responsável pela certificação dos intelectuais tradicionais através da escola, esta se torna um espaço de disputa para esses intelectuais. Essa perspectiva, podemos encontrá-la na reflexão que Gramsci faz no final do caderno 12, intitulado *Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais*, quando discute a questão da Escola Unitária⁴.

⁴ No caderno 12, escrito em 1932, Gramsci traz como tema de sua reflexão a questão dos intelectuais e da escola. A princípio apresenta um pouco da história dos intelectuais, dividindo-os entre orgânicos e tradicionais; posteriormente pensa a relação destes com o partido político e, por último, apresenta uma proposta de escola, a *Escola Unitária*. Esta escola deveria ser, segundo Gramsci, de tempo integral, onde os estudantes unificassem teoria e prática, ao mesmo tempo em que tivessem uma alta formação cultural capaz de lhes proporcionar os conhecimentos necessários para garantir sua emancipação enquanto ser humano. Ver também: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere vol.2*. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho; co-edição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 2. ed. Rio de Janeiro, 2001, p.1 5-53 e NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. 3. ed. rev. e atual. São Paulo, 2004, p.158-174.

Com relação à questão da proposta de escola apresentada por Gramsci no caderno 12, cabe lembrar que, em princípio, não parece muito claro se esta seria uma escola possível de ser assumida pelo Estado capitalista ou apenas pelo Estado socialista. Se levarmos em consideração a totalidade de seu pensamento, cujo objetivo claro era a transformação da sociedade, não é difícil afirmar que “A proposta da escola unitária de Gramsci é um amplo projeto político coordenado pelo Estado, não se trata de uma reforma educacional abstrata” (NOSELLA, 2004, p.168). Sendo assim,

[...] trata-se de uma possível proposta educacional do Partido Comunista para a sociedade italiana, isto é, expõe-se neste texto a política educacional alternativa que seria implementada caso os comunistas conquistassem o Estado” (NOSELLA, 2004, p. 161).

Ocorre que a concepção gramsciana de partido, isto é,

[...] o partido político, para todos os grupos, é precisamente o mecanismo que realiza na sociedade civil a mesma função desempenhada pelo Estado, de modo mais vasto e mais sintético, na sociedade política [...]” (GRAMSCI, 2001, vol. 2, p. 24)

por isso podemos perceber que, mesmo a Escola Unitária sendo uma proposta a ser implementada pelo Estado socialista, não deixa de ser também uma proposta para disputar uma hegemonia relativa em favor do proletariado, ainda na sociedade de classes. Ou seja, o partido que se propõe ser revolucionário, a partir da concepção marxiana, deve atuar, entre as necessidades imediatas e necessárias para a transformação social, sem abrir mão dos princípios que lhe garantam a clareza em seu horizonte histórico. É a partir dessa visão que entendemos a função do partido em Gramsci, enquanto intelectual coletivo que, sem abandonar a radicalidade revolucionária, atua, através de seus intelectuais orgânicos, nos espaços de contradição existentes nas diversas organizações da sociedade civil, incluindo aí a escola formal.

BIBLIOGRAFIA

BUCCI-GLUCKSMANN, Christinne. *Gramsci e o estado*. Trad. Angelina Peralva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FIORI, Giuseppe. *A vida de Antonio Gramsci*. Tradução de Sergio Lamarão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, volume 2; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. *Cadernos do cárcere*. Volume 3; edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 3ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MAXIMO, Antonio Carlos. *Os intelectuais e a educação das massas: o retrato de uma tormenta*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. 3ª ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2004.

SECCO, Lincoln. *Gramsci e a revolução*. São Paulo: Alameda, 2006.